

**COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO NO ROMANCE  
*KISS OF THE FUR QUEEN* DE TOMSON HIGHWAY:  
UMA ABORDAGEM PÓS-MODERNA**

**Victor Pereira Da Rosa**

Professor Catedrático

Departamento de Sociologia e Antropologia – University of Ottawa

[victor.darosa@uottawa.ca](mailto:victor.darosa@uottawa.ca)

**Isabel Nena Patim**

Professora Associada

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UFP

[isabelp@ufp.pt](mailto:isabelp@ufp.pt)

### **Resumo**

O romance de Highway *Kiss of the Fur Queen* conta-nos a história de dois irmãos Cree e das suas viagens, físicas e espirituais. A inclusão das duas crianças no sistema de ensino das escolas residenciais canadianas tem um impacto profundamente negativo no desenvolvimento da sua identidade e no modo como, a partir desse momento, se relacionam com a comunidade e cultura aborígenes. Se, por um lado, a abordagem pós-moderna de Harvey contribui para entendermos a dupla identidade das personagens, resultante da experiência na escola residencial, a abordagem pós-moderna de Hutcheon da ficção canadiana permite-nos ler este romance com traços autobiográficos à luz de uma das temáticas que reflectem as ambivalências do Canadá: a dualidade nativo/colonial.

### **Palavras-chave**

aborígenes canadianos, escolas residenciais, questões de identidade, literatura no Canadá, abordagem pós-moderna.

### **Abstract**

Highway's novel *Kiss of the Fur Queen* tells us the story of two Cree brothers and their journeys, both physical and spiritual. The inclusion of those two children in the educational system of Canadian residential schools has a strong negative impact in the development of their identity and in the way, from that moment on, they interact with the aboriginal community and culture. If, on one side, Harvey's postmodern approach contributes to the understanding of the double identity of the characters as a result of the experience in the residential school, Hutcheon's postmodern approach of Canadian fiction enables us to read this novel with autobiographical traits in the light of one of the themes that reflect the ambivalences in Canada: the duality native/colonial.

### **Keywords**

Canadian Aborigines, residential schools, issues of identity, literature in Canada, postmodern approach.

## 1. INTRODUÇÃO

Rosemarie Kuplana (2006, p. 41), canadiana “by virtue of geography and history”, é Inuk e define desta forma ‘o que é um canadiano’:

A CANADIAN is... a person with origins in other parts of the global village. A Canadian is an English – or French – speaking person whose rights are enshrined in the *Canadian Constitution Act, 1982*. This Constitution finds its roots in Great Britain – roots that date back the time when England was a world power, and Canada one of its many Commonwealth satellites. Today Inuit and other Aboriginal people are recognized in Section 35 of the *Canadian Constitution Act, 1982*. Our history with the more dominant society has not been an easy relationship and between us there is much unfinished business.

O objectivo central deste texto é o de analisar o romance *Kiss of the Fur Queen* do escritor Cree canadiano contemporâneo, Tomson Highway, à luz da concepção pós-moderna de compressão espaço-tempo encontrada na obra de David Harvey. De acordo com esta compressão do tempo, a própria realidade muda. A tal ponto que se confundem a realidade e a sua imagem. Não pretendemos abordar exaustivamente este tema, pois apenas desejamos descobrir até que ponto Harvey contribui para a compreensão deste romance do reconhecido dramaturgo Tomson Highway e descobrir o contributo do romance como acto sociológico.

## 2. A COMPRESSÃO ESPAÇO-TEMPO

Segundo David Harvey (1990, p. 238), uma das características da nossa época é a transformação da forma como experienciamos o espaço e o tempo: “this sea-change is bound up with the emergence of new dominant ways in which we experience space and time”. A aceleração das trocas comerciais e culturais e as deslocações frequentes levam a uma nova configuração das relações sociais.

O referido autor ilustra estas modificações isolando quatro períodos da história depois de 1500. Assim, menciona que a velocidade média de uma diligência ou de um barco não ultrapassava as 10 milhas por hora entre 1500 e 1840. Depois deste último ano, as locomotivas podiam andar a 65 milhas à hora e os paquetes a vapor atingiam as 36 milhas. Na década de 1950, os aviões a hélice voavam a 300 ou 400 milhas à hora e, depois de 1960, os aviões a jacto podiam ultrapassar a barreira do som. O tempo demorado variou de acordo com as velocidades em que nos movemos no espaço global. Com esta alteração no sentido de tempo, arrasta-se a alteração do sentido do espaço.

Mesmo Jean Baudrillard, no seu livro *Le miroir de la production: Ou, l'illusion critique du matérialisme historique* (1973), chamava já a atenção para a importância da percepção para a compreensão da historicidade. Por seu lado, Harvey insiste sobre o efeito de ilusão que as novas condições de existência criaram e aproxima-se, neste aspecto, do pensamento de Baudrillard, quando este desenvolve o conceito de “simulacro” no sentido de uma representação generalizada de uma possível distorção: o simulacro corresponde a um estado de réplica tão próxima da perfeição que a diferença entre o original e a cópia é quase impossível de ser percebida. A intersecção de simulacra na vida diária junta diferentes mundos, no mesmo espaço e tempo.

A alteração do sentido de espaço e de tempo projecta-se para a área financeira. A comercialização dos bens e serviços é submetida a este mesmo processo de avaliação da realidade. Tanto as mercadorias como as ideias estão a ficar cada vez mais desenraizadas do seu contexto. As produções culturais ganham progressivamente espaço na vida quotidiana. Servem de escape, nutrem a imaginação e distraem. No mesmo sentido, Harvey sublinha o carácter efémero e fragmentado do mundo contemporâneo. Com efeito, a própria realidade que vivemos não é senão uma colagem de diversas realidades semelhante à colagem de imagens num ecrã de televisão. A compressão espaço-tempo é um reconhecimento da complexidade do mundo.

Perante a falta de coerência e o carácter fragmentado da vida diária, o indivíduo, de acordo com Harvey, pode optar por tirar partido de todas as possibilidades e cultivar, assim, uma série de simulacra como forma de escape, fantasia ou distração. Confrontado com a fragmentação, a efemeridade e a colagem, o indivíduo desenvolve uma identidade pessoal ou colectiva, sublinhando-se assim a ligação entre lugar e identidade social. A intensidade da compressão espaço-tempo reveste-se de características do efémero e fragmentação excessivos nos planos privado, político ou social<sup>1</sup>.

Na aceleração do ritmo de vida associada ao capitalismo e às possibilidades de deslocamento e rompimento de barreiras espaciais, o espaço encolhe-se, é global.

### 3. ABORDAGEM PÓS-MODERNA DA LITERATURA CANADIANA

Ball (2002, p. 895) enquadra o pós-modernismo como o modo cultural dominante do capitalismo global dos finais do séc. XX:

**'Postmodernism' is variously deployed to mean historical period (broadly contemporary), artistic style (parodic, self-conscious, fragmentary), worldview (skeptical, pluralist), and as the dominant cultural mode of late-20th-century global capitalism.**

A ciência, a religião e a cultura são construções humanas imperfeitas e não revelações de uma verdade transcendente. A identidade humana é indeterminada e fragmentada. Nesta linha, são destruídas as barreiras entre divisões binárias, como por exemplo, imagem e realidade, ficção e história, texto e contexto. Numa época em que proliferam a informação e as mercadorias numa esfera global, a imagem, simbolizada na TV, domina a existência humana, acarretando, ao mesmo tempo, uma ausência de profundidade. Na concepção mais extrema de Baudrillard, a própria realidade é substituída por imagens produzidas em massa, mas esvaziadas de conteúdo.

A literatura pós-moderna reflecte e promove estas ansiedades culturais, privilegiando o romance, que regista a descrença em estruturas unificadas, através de realidades incompatíveis e contradições insolúveis. O enfoque do romance é no ser marginal, social e psicológica-

<sup>1</sup> Reconhecemos aqui que a compressão espaço-tempo é útil ao ensino e investigação à distância, através das tecnologias de informação electrónicas.

mente, explorando histórias oficiosas ou inventadas, como alternativa a histórias sancionadas. Estruturas desarticuladas e narradores auto-reflexivos são estratégias dos romancistas para construir o seu texto, como num processo humano de fabricação e de significação.

A crítica canadiana Linda Hutcheon (Cheetham e Hutcheon, 1991) refere a ambiguidade dos textos pós-modernos como uma função do uso paradoxal das convenções, ilustrada, por exemplo, numa identidade dividida. Reconhecendo-se a cumplicidade com as estruturas dominantes, o texto pós-moderno perverte-se com o que questiona nas esferas da arte e da sociedade. Hutcheon considera que a população multicultural e a geografia descentralizada do Canadá, bem como a ambivalência do Canadá com os Ingleses e com os Americanos, reúnem as condições para o texto pós-moderno. A obsessão canadiana com os limites e as fronteiras e com as dualidades, como por exemplo, federal/provincial, Francês/Inglês, aborígene/colonial,<sup>2</sup> são temas espelhados na ficção canadiana pós-moderna, explorando fendas e desafiando dominantes culturais.

Exemplos de textos pós-modernos referidos por Hutcheon incluem, por exemplo, romances dos autores Leonard Cohen, Sheila Watson, Dave Godfrey, Rudy Wiebe, Michael Ondaatje, Margaret Atwood, Andrey Thomas, Susan Swan, Timothy Findley, Robert Kroetsch, Hubert Aquin, Victor-Lévy Beaulieu, Lousky Bersianik, Nicole Brossard.

É nesta linha, sugerida por Hutcheon, a da dualidade nativo/colonial, que nos propomos ler o romance *Kiss of the Fur Queen* de Tomson Highway, à luz de uma abordagem pós-moderna. O romance fala-nos de experiências educacionais e institucionais e de escolhas pessoais e artísticas, reconhecendo-se com facilidade a associação destas temáticas a aspectos biográficos do autor, nomeadamente: a morte, em 1990, do seu irmão, aos 36 anos, com sida; a educação que recebeu na *Roman Catholic Guy Hill Indian Residential School*; a formação do escritor em música, bem como a do seu irmão, René Highway, notável bailarino e coreógrafo.

#### 4. A ORATURA CREE

O romance de Highway contém, no final, um glossário de termos Cree com tradução para língua inglesa. Winona Wheeler e Lorraine Brundige são dois exemplos de académicos que começaram a manter registo de palavras Cree em caracteres convencionais com a respectiva tradução em língua inglesa. A filosofia Cree baseia-se no conceito de que tudo está interligado: da mesma forma, na oratura Cree, tudo está ligado – o presente é uma extensão do passado.

De entre outras, a língua Cree é a língua indígena mais falada no Canadá, em variantes regionais distintas. Os trabalhos literários Cree são 'entregues' ao seu público-leitor *viva voce*. Como refere Wolfart (2002, p. 243), "forms and figures of Cree Literature are as fragile as the medium in which they are expressed, the spoken word."

<sup>2</sup> Para referir a colonização interna dos aborígenes e dos quebequenses, ver Thomas King.

No prefácio à primeira edição da antologia de literatura aborígene canadiana de expressão inglesa, publicada em 1992, Goldie explica a sua preferência pelo termo 'orature', distinto da designação 'literatura oral' e 'poesia oral', pois não denota a expressão oral como inferior à expressão escrita (Moses e Goldie, 2005a). No primeiro capítulo da terceira edição desta antologia, os editores definem a sua essência:

**the term 'orature' is used as a parallel to the term 'literature'. 'Orature' indicates the body of knowledge usually referred to as 'oral literature'. The latter term is problematic, including as it does the words 'literature', with its implications of reading and books, and 'oral', with implications of the spoken and heard. 'Oral literature' seems a debased version of a true written literature. The term 'orature' allows this body of knowledge its own validity. (Moses e Goldie, 2005b, p.1)**

Os aborígenes canadianos contam e escutam as suas lendas, reportando-as a um tempo da mente, a um tempo mítico em que as personagens vivem o mito como realidade nas suas vidas.

Importa referir a ausência de género na língua Cree, pois não tem pronome para o género, não distinguindo assim entre masculino e feminino. Mais do que uma relíquia, as lendas dos povos aborígenes movem-se num círculo entre o tempo mítico e o tempo da experiência vivida, continuando assim a ser reais, como exemplifica Highway (*cit. in* Ridington, 1994, p. 839) em relação ao uso da lenda Cree na sua obra dramática:

**This is the way the Cree look at life. A continuous cycle. A self-rejuvenating force. By comparison, Christian theology is a straight line. Birth, suffering, and then the apocalypse... Human existence isn't a strength for redemption to the trickster. It's fun, a joyous celebration.**

O dramaturgo Cree Highway fez de Nanabush a figura central nas suas duas peças de teatro *The Rez Sisters* (1988) e *Dry Lips Oughta Move to Kapuskasing* (1990). Nanabush é o herói cultural e o trapaceiro ('trickster') dos indígenas Cree e Ojibwa, que o procuram para diversão e inspiração. A figura do trapaceiro, o 'trickster', é uma personagem paradoxal, meio humana, meio espiritual, que encorpora contradições, ousada, e que personifica a ambiguidade humana. É a integração perfeita de todas as coisas.

A antologia de literatura aborígene de expressão inglesa inclui outros escritores Cree além de Highway: Buffy Sainte-Marie, Harold Cardinal, Beth Cuthland, Joan Crate, Louise Halfe, Marvin Francis, Paul Seesequasis e Connie Fife. Moses (Moses e Goldie, 2005a, p. xi) fala-nos do valor sociológico da literatura indígena num mundo globalizante:

**I think we can assert that a lot of us who make up the body literate of First Nations societies are on the right path(s), are finding the ways our individual human voices can tell the old stories again as we see and hear and re-imagine and know them, the ways that include a braiding together of what forms and content we've retained of our traditions and of what we find of use (practical, us!) in the culture of the globalizers.**

A sugestão apresentada por Goldie será conhecer as tradições nativas para se poder usufruir do corpo de conhecimento que cada palavra transporta. Textos nativos rejeitados, como por

exemplo a peça *Dry Lips Oughta Move to Kapuskasing* de Highway são disso exemplo, ou seja, do difícil caminho quando os temas da literatura indígena e a audiência branca se juntam: "Perhaps that's the answer; rather than appropriating the voice, educate yourselves so you are ready to read, ready to watch. That's what the white audience should be doing." (Moses e Goldie, 2005, p. xxii)

Moses considera que os escritores Cree escrevem essencialmente por e para eles. O papel terapêutico da escrita dos aborígenes canadianos, em língua inglesa, é assim relegado a um segundo plano:

**One of the words that always comes up in Native gatherings, and particularly among Native artists, is that it is part of our jobs as Native artists to help people heal. Whether we're talking about Native people taught by residential schools or whether we're talking about white people who've just been in a car accident, that's what we see as our job: we're looking for the meaning of life to explain the injustices of reality. (Moses e Goldie, 2005, p. xviii)**

## 5. KISS OF THE FUR QUEEN DE TOMSON HIGHWAY

O romance de Tomson Highway *Kiss of the Fur Queen* conta-nos a história de dois irmãos Cree e das suas viagens, físicas e espirituais. Nascidos na vila ficcional de Eemanapiteepitat, no norte de Manitoba, Champion e Ooneemeetoo são o décimo-primeiro e décimo-segundo filhos de Mariesis e Abraham Okimasis. Apesar de viverem de acordo com os seus valores tradicionais, esta família aborígene era muito influenciada pelo mundo do homem branco, resultante da interacção forçada dos aborígenes com os missionários brancos.

O fascínio de Abraham pelo mundo dos brancos e a influência que o dogma católico exercia sobre ele fez com que acreditasse que deveria dar a estes dois filhos a oportunidade de se inserirem na cultura dominante, decidindo então enviá-los para uma escola residencial, *Birch Lake Indian Residential School*. Esta inclusão no sistema de ensino era, de todo, inevitável, pois não fora a crença de seu pai, as crianças não teriam outra hipótese devido às directivas do *Bureau of Indian Affairs* que determinavam que as crianças aborígenes deveriam deixar as suas famílias para serem integradas nos internatos católicos e protestantes localizados fora das reservas, tal como Abraham explica à esposa: "*Soonie-eye-gimow's* orders, Father Bouchard says. It is the law." (Highway, 2005, p. 40)<sup>3</sup>

Na escola residencial católica, Champion e Ooneemeetoo perdem literalmente a sua identidade vendo os seus nomes mudarem para Jeremiah e Gabriel; é-lhes cortado o cabelo e proibido falarem na sua língua materna, o Cree. Jeremiah, como que transformando a sua dor, deixa levar-se pelo poder da música. O fascínio por uma linguagem, ao mesmo tempo que silencia a sua língua nativa, expressão clara das políticas de assimilação:

<sup>3</sup> "*Soonie-eye-gimow*" significa, e de acordo com o dicionário de termos Cree apresentado no final do romance, agente dos índios, ou seja, o Ministério dos Assuntos Aborígenes (*Department of Indian Affairs*).

His Cree must not be heard or he would fail to win the prize: the boy who acquired the greatest number of tokens from other boys by catching them speaking Cree was awarded a toy at the month's end. Last month, the prize had been an Indian war bonnet; this month it was to be a pair of cowboy guns. (Highway, 2005, p. 63)

São severamente chicoteados, castigados e vítimas de abuso sexual. A inocência de Gabriel quando foi vítima do primeiro abuso está associada à crença de que tais comportamentos eram deveres dos homens da igreja e como tal devia-lhes esse consentimento:

When Gabriel opened his eyes, ever so slightly, the face of the principal loomed inches from his own. The man was wheezing, his breath emitting, at regular intervals, spouts of hot hair that made Gabriel think of raw meat hung to age but forgotten. The priest's left arm held him gently by his right, his right arm buried under Gabriel's bedspread, under his blanket, under his sheet, under the pyjama bottoms. And the hand was jumping up, reaching for him, pulling him back down, jumping up, reaching for him, pulling him back down. He didn't dare open his eyes fully to fear the priest would get angry; he simply assumed, after a few seconds of confusion, that this was what happened at schools, merely another reason why he had been brought here, that this was the right of the holy men. (Highway, 2005, p. 77-78)

A fragmentação da identidade humana é ilustrada, por exemplo, no momento em que Jeremiah perde o seu cabelo, ou seja, a sua identidade: "*Clip, clip, clip*. Champion could feel his hair falling, like snowflakes, but flakes of human skin. He was being skinned alive, in public; [...] the whole world staring, pointing, laughing." (Highway, 2005, p. 53) A disciplina extrema imposta na escola residencial é confirmada pelo narrador quando refere os uniformes das crianças, impedindo-as de mostrar a sua individualidade e assim escondendo a sua identidade.

Mais tarde mudam-se para uma área urbana em Winnipeg e é aí que, já adolescentes, se encontram entre duas realidades, expressas como que numa 'dupla identidade', ao sentirem-se tanto Cree como brancos, familiarizados que estavam com ambas as culturas. Jeremiah, sente-se atraído por certos aspectos da cultura dos brancos, quase negando as suas origens. Esta tentativa de aculturação é clara no momento em que se confronta com uma rapariga aborígine que frequenta as aulas de Herr Schwarzkopf:

Hearing – and feeling – the new arrival sliding into the seat not far from him, Jeremiah was put on his guard: was it because this young – and undeniably Indian – girl confronted him with his own Indianness, which his weekly bus sightings of the drunks on North Main Street had driven him to deny so utterly that he went for weeks believing his own skin to be as white as parchment? He had worked so hard at transforming himself into a perfect little "transplanted European" – anything to survive. (Highway, 2005, p. 123-24)

Ganhou depois consciência de alguns dos riscos para um aborígine em viver nessa sociedade. Abraçou a sua condição de indígena tornando-se pianista e escritor, tal como o próprio escritor Highway. Gabriel, completamente urbanizado, desejava parecer-se e viver a vida dos brancos. Dedicado também às artes, enfrenta a sua destruição física, resultante da vida que levava na cidade, quando descobre que tem sida. Gabriel transforma-se na cidade: em troca de favores sexuais, recebia dinheiro que usava em nome da arte. Bailarino e coreógrafo, indiferente, sem tempo "for tortured moralizing, not even for a *mea culpa*." (Highway, 2005, p. 282)

É apenas no seu leito no hospital que Gabriel encontra o seu *eu* enfrentando e capturando o seu passado e a sua identidade aborígene. Gabriel pede a Jeremiah “When I die, I want Mom to be allowed her Catholic mumbo-jumbo. But I do not want priests anywhere near my bed. Do you hear me?” (Highway, 2005, p. 299)

Anos após terem sido roubadas as suas identidades, os irmãos Okimasis, verbalizam a sua identidade, alienada durante muito tempo numa sociedade que parecia afinal não os aceitar. A visão da Fur Queen que antecede a morte de Gabriel, parece assim anunciar a vitória do mundo espiritual nativo concedendo-lhe(s) a paz e anunciado que, para Gabriel, a procura da sua identidade, tinha chegado ao fim: “rising from his body, Gabriel Okimasis and the Fur Queen floated off into the swirling mist, as the little fox on the collar of the cape turned to Jeremiah. And winked.” (Highway, 2005, p. 306)

## 5.1. AS ESCOLAS RESIDENCIAIS

A compreensão do sistema escolar residencial ajudar-nos-á a compreender as vidas de Gabriel e Jeremiah no romance e documentará os tempos difíceis que alguns indivíduos das *First Nations* enfrentaram em tais instituições canadianas. Outros países como a Nova Zelândia e a Austrália adoptaram políticas semelhantes relativamente à educação dos aborígenes. Remontando a meados do séc. XIX, as escolas residenciais tinham como principal objectivo converter os aborígenes ao cristianismo. Em 1876 o Parlamento Canadiano aprova a Lei dos Índios, o *Indian Act*, um documento federal que concede poder ao governo para controlar os aborígenes que viviam nas reservas, incluindo o controlo da sua educação.

Apesar de haver outras igrejas a operar estas escolas, como a Igreja Anglicana, a Igreja Unida e a Presbiteriana, a Igreja Católica operava um número considerável. O elevado número deste tipo de escolas na primeira metade do séc. XX resultava da obrigatoriedade da educação, a par da convicção de alguns dos pais de que tal seria o melhor para os seus filhos. Thomas Berger (1977, p. 91) refere-se à missão de assimilação das escolas residenciais, que forçava os nativos a perder a sua cultura e identidade: “the purpose of the education provided to northern native people was to erase their collective memory – their history, language, religion and philosophy – and replace it with that of the white man.”

Richard Lane teoriza a questão da memória e de como esta se impõe em relação à escrita ‘trickster’ das *First Nations*, debruçando-se no romance *Kiss of the Fur Queen* de Highway. No final deste romance, a memória de Jeremiah “opened the padlocked doors” (Highway, 2005, p. 285), recuperando-se memória ilusória e labiríntica. A narrativa move-se entre o presente e o passado, trapaceira, intercalando os diferentes momentos. Os acontecimentos sucedem-se como num círculo e não num tempo de forma linear: não há conceito cronológico de tempo. Impõe-se questionar: quem fechou as portas cerradas a cadeado a Jeremiah?

À assimilação, associou-se, muitas vezes, práticas de abuso sexual, físico e psicológico, contradição identificada no *Report of the Royal Commission on Aboriginal Peoples*, publicado em 1996 pelo *Canada Communication Group Publishing*. No primeiro volume deste Relatório intitulado *Looking Forward Looking Back*, num capítulo dedicado às escolas residenciais, agora disponível em linha no sítio da *Indian and Northern Affairs Canada*, podemos ler:

At the heart of the vision of residential education – a vision of the school as home and sanctuary of motherly care – there was a dark contradiction, an inherent element of savagery in the mechanics of civilising the children [...] The basic premise of resocialization, of the great transformation from ‘savage’ to ‘civilized’, was violent. “To kill the Indian in the child” [...]. In the end, at the point of final assimilation, “all the Indian there is in the race should be dead.[...]” (Indian and Northern Affairs Canada, Disponível em [http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sg31\\_e.html#104](http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sg31_e.html#104) [Consultado em 09/04/2007]).

Numa entrevista para *Books in Canada*, Highway comenta a política governamental: “The Department of Indian Affairs had an iron grip on treaty Indians... we were wards of the Crown... It was an all-out policy of assimilation... it was a dark landscape.” (Wigston, 1989, p. 8)

## 6. CONCLUSÃO

*Kiss of the Fur Queen* fala-nos do abuso sexual como um acto central do romance, um acto de fala silencioso, que conduz à catástrofe. Esta condição é continuamente confirmada pela nova identidade dos dois irmãos. Um dos temas principais do romance é o conflito espiritual entre a religião aborígine e o cristianismo dos missionários da Igreja Católica. O escritor descreve a última como a religião que anula a outra. A divisão entre filhos e pais, ou com a comunidade, continua após o retorno: é o reconhecimento da dupla identidade, como que numa colagem, após a sucessão de episódios e aventuras.

A compressão espaço-tempo espelha-se no romance, por exemplo, quando Jeremiah responde a Gabriel sobre os motivos de Weesageechak para matar Weetigo: ao tempo em que os dois irmãos se comportam como trapaceiros, no centro comercial, falando do Weetigo, devoram pizza. A comida é aqui representante de um mercado global, do capitalismo, da sociedade dos brancos. As lendas Cree assentes na cultura verbal, passam de geração em geração. A lenda de Moose Lake conta-nos a origem do Wentigo:

Once there was a woman who used to trap way up in the north. She was a good trapper, and nearly always managed to get a lot of fur. One day, for reasons not know, the dogs got into her furs and destroyed them. Her furs had come from a lot of work, and she needed them badly, and as she thought of the destruction done by the dogs, she became more and more upset and depressed. Eventually she became quite mad. At this point, she turned into Wetigo.

She flew down from the North, and she landed in what we now call Moose Lake. She saw a light as she was flying and followed it to this place. The road was narrow, with lots of trees and underbrush so she was quite hidden.

One day, a medicine man was looking in a mirror and he saw the reflection of the Wetigo staring at him. He was not afraid of her, knowing he was well protected, so he asked her what she was doing there. She told him about the pelts she had needed to make clothes for herself and to buy some food. He listened but told her she had to leave or he would have to kill her.

I will leave, because I see where another light is and I can follow that, she said. She was looking at Cedar Lake.

The place where she sat is on the reserve side near the Lake. It has been seen by many of the residents of Moose Lake. To this day the ground is bare. Nothing ever

grows there. (OurNorth.ca, Disponível em <http://www.ournorth.ca/creelegends.htm>, [Consultado em 10 Abril 2007])

A abordagem pós-moderna a este romance contribui para o entendimento da identidade fragmentada de Mariesis no momento em que pede a Jeremiah um padre para Gabriel: "Jeremiah, you've got to get a priest, [...] If your brother doesn't get his last rites... [...] His soul will go to hell, *tapwee*<sup>4</sup>" (Highway, 2005, p. 301) Mais tarde repete esta necessidade como que enfatizando o seu cepticismo na sua cultura aborígene, e reforçando a fé católica: "*Nibeebeem machee skootek taytootew*<sup>5</sup>" (Highway, 2005, p. 304), ameaçando Jeremiah: "Let this priest in or I'll kill you!" (Highway, 2005, p. 305)

São diversos os episódios na vida dos dois irmãos que espelham as suas relações sociais à luz de uma abordagem pós-moderna: na relação de subalternidade com os estudantes na escola residencial, na solidão e isolamento presentes na vida deles na cidade. A sua auto-imagem confunde-se com o meio e a realidade que habitam, chegando a criar uma imagem distorcida de si mesmos e das suas origens. A identidade, fragmentada, durante o período na escola residencial, e depois na cidade, funde a compreensão que têm da história e das suas próprias origens Cree num universo globalizante dos brancos.

As produções culturais adquirem para os dois irmãos maior importância na vida quotidiana, ao serviço de estratégias de inclusão, promovidas pelos próprios na vida na cidade. Ironicamente, a música e a dança, duas actividades que não podiam afinal estar mais próximas das suas origens culturais.

Jeremiah e Gabriel vivem a adolescência e a juventude com intensidade, numa realidade progressivamente fragmentada, alimentada por momentos efémeros que experienciam numa dimensão de compressão espaço-tempo. Mas se a degradação física, de Gabriel, culmina com a sua morte ainda jovem com sida, a sua sobrevivência e salvação espiritual estão representadas no encontro com a Fur Queen no momento final da sua vida terrena: a representação da sobrevivência é deste modo uma imagem híbrida de dois fragmentos, o físico e o espiritual, unidos pela colagem, de dois mundos, à qual Gabriel não sobrevive.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> De acordo com o glossário de termos Cree do romance, significa "really".

<sup>5</sup> De acordo com os mesmo glossário, significa "my baby will go down to hell!".

<sup>6</sup> À data de publicação deste artigo, o Primeiro Ministro Canadiano Stephen Harper reconhece publicamente as consequências e o impacto profundamente negativos da política das escolas residenciais na cultura, património e língua aborígenes. Ver, por exemplo: Hanson, T. (2008). P.M. cites 'sad chapter' in apology for residential schools. CBCnews.ca -Canadian Press, June 11, 2008. [Em linha]. Disponível em <http://www.cbc.ca/canada/story/2008/06/11/aboriginal-apology.html>. [Consultado em 12/06/2008]; Dembeck, M. (2008). Native Canadians get apology on forced schools. Associated Press, June 11, 2008. [Em linha]. Disponível em <http://www.msnbc.msn.com/id/25102122/> [Consultado em 12/06/2008]; Brown, D. L. (2008). Canadian Government Apologizes for Abuse of Indigenous People. Washington Post, June 12, 2008, Page AO1. [Em linha]. Disponível em <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2008/06/11/AR2008061100419.html> [Consultado em 12/06/2008].

- BALL, J. C.** (2002). Postmodernism. In: New, W. H. (Ed.) *Encyclopedia of Literature in Canada*. Toronto, University Press of Toronto, pp. 895-8.
- BERGER, T.** (1977). *Northern Frontier, Northern Homeland: The Report of the Mackenzie Valley Pipeline Inquiry*, Vol. I. Ottawa, Minister of Supply and Services.
- BAUDRILLARD, J.** (1975). *Le miroir de la production: Ou, l'illusion critique du matérialisme historique*. Paris, Galilée.
- CHEETHAM, M., Hutcheon, L.** (1991). *The Canadian Postmodern: Trends in Recent Canadian Art*. Toronto, Oxford University Press.
- HARVEY, D.** (1990). *The condition of Postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Cambridge, MA, Blackwell.
- HIGHWAY, T.** (2005) [1998]. *Kiss of the Fur Queen*. Toronto, Anchor Canada.
- KUPTANA, R.** (2006). A CANADIAN is... In: Studin, I. (Ed.) *What Is a Canadian? – Forty-three Thought-Provoking Responses*. Toronto, McClelland & Stewart, pp. 41-46.
- MOSES, D. D., Goldie, T.** (2005a). Preface to First Edition: Two Voices. In: Moses, D. D., Goldie, T. (Ed.). *An Anthology of Canadian Native Literature in English*. Don Mills, Ontario, Oxford University Press, pp. xiii-xxii.
- MOSES, D. D., Goldie, T.** (2005b). Traditional Orature – Southern First Nations. In: Moses, D. D., Goldie, T. (Ed.). *An Anthology of Canadian Native Literature in English*. Don Mills, Ontario, Oxford University Press, pp. 1-4.
- OurNorth.ca** [em linha]. Disponível em <http://www.ournorth.ca/creelegends.htm> [Consultado em 10 Abril 2007].
- RIDINGTON, R.** (1994). Legends (Canada). In: Benson, E. & Conolly, L. W. (Ed.). *Encyclopedia of Post-colonial Literatures in English*. London, Routledge, vol. 1, pp. 837-9.
- Royal Commission on Aboriginal Peoples.** [1996]. *Report of the Royal Commission on Aboriginal Peoples, Vol. 1, Looking Forward, Looking Back*. [Em linha]. Disponível em [http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sg31\\_e.html#104](http://www.ainc-inac.gc.ca/ch/rcap/sg/sg31_e.html#104). [Consultado em 09/04/2007].
- WIGSTON, N.** (1989). Nanabush in the City. A Profile of Tomson Highway. In: *Books in Canada*, March, pp. 8-9.
- WOLFART, H. C.** (2002). Cree Literature. In: New, W. H. (Ed.) *Encyclopedia of Literature in Canada*. Toronto, University Press of Toronto, pp. 243-7.